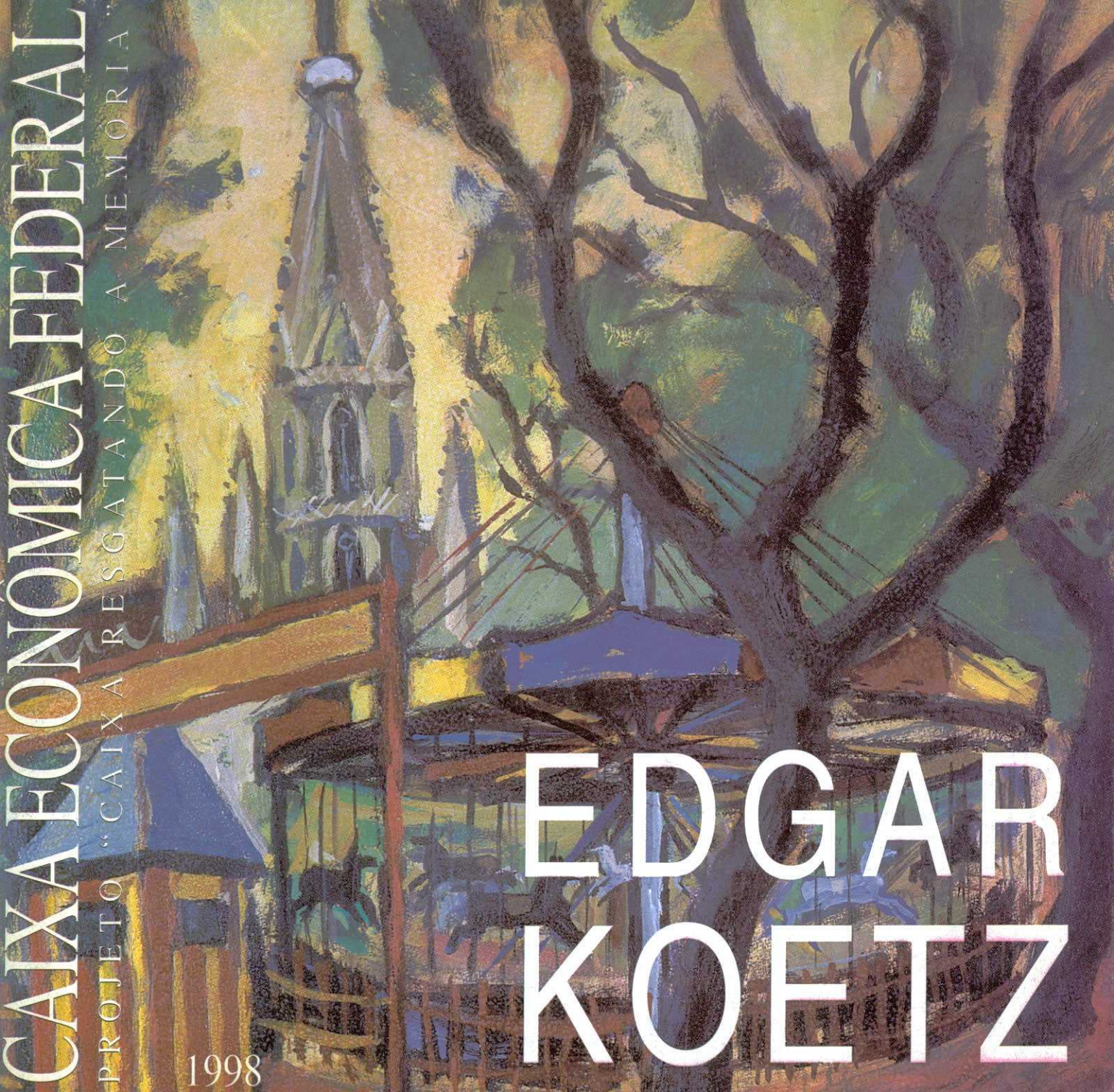


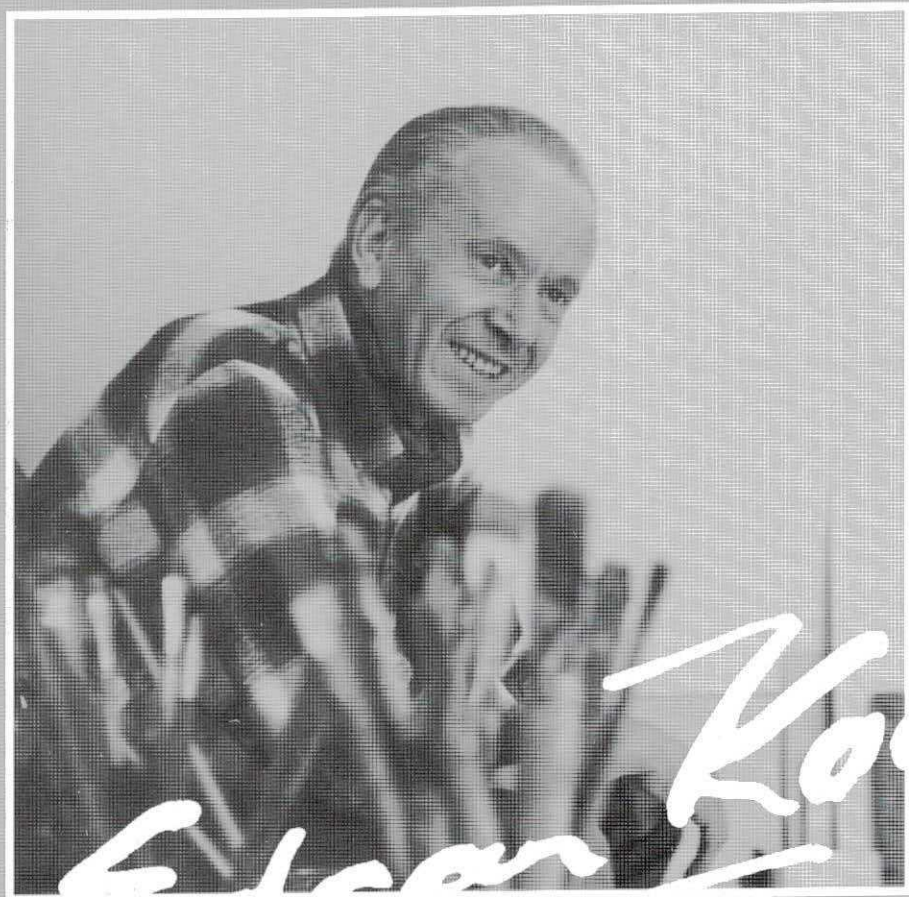
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

PROJETO "CAIXA RESGATANDO A MEMÓRIA"

1998

EDGAR  
KOETZ





Nas marcas históricas de nossa cidade, as décadas de 20 e 30 têm muito significado. Grandes obras traçavam ares de modernidade na Porto Alegre que se insinuava metrópole.

Nesse cenário, Edgar Koetz iniciou sua trajetória de artista, incentivado pelo pai. Aos quinze anos, ingressou, como aprendiz de litógrafo, nas oficinas da Livraria do Globo. Fazendo parte da equipe que incluía João Fahrion, Sotero Cosme, Vitório Gheno, entre outros, orientados por Ernest Zeuner, ilustrava obras de Érico Veríssimo, Mário Quintana e as edições da Revista do Globo, que “alimentavam” a intelectualidade da época.

Reportando-se a esse rico passado, a Caixa Econômica Federal, que, na ocasião, iniciava seu principal papel como banco social — o de facilitar à população de baixa renda o acesso à casa própria e melhores condições de vida através dos programas de saneamento básico — traz à atualidade a produção desse artista, que se tornou um dos mais significativos representantes do movimento modernista das artes visuais do Rio Grande do Sul.

Através da oitava edição do projeto *Caixa Resgatando a Memória*, na abordagem da vida e obra de Edgar Koetz, reafirma-se a importância do papel assumido pela Caixa, como colaboradora no registro da história cultural deste país.

Supervisão de Marketing Cultural/RS  
Caixa Econômica Federal

# Edgar Koetz

Programação

## Galeria da Caixa/RS

"Paisagens Urbanas e Santos"

• **Inauguração:** 18 de novembro, 19h

Período: 19 de novembro de 1998 a 15 de janeiro de 1999

Visitação: horário bancário

Rua dos Andradas, 1000 — sobreloja

Fone/fax: (051) 225 9537

CEP 90020-007, Porto Alegre, RS

## Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli

"Figuras Humanas"

Período: 19 de novembro a 06 de dezembro de 1998

Visitação: de terça a domingo, das 10 às 17h

Praça da Alfândega, s/nº

Fone: (051) 227 2311

CEP 90010-150, Porto Alegre, RS

## Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

"Arte Gráfica"

• **Inauguração:** 24 de novembro, 18:30h

Período: 25 de novembro a 14 de dezembro de 1998

Visitação: de segunda a sexta-feira — 10 às 12h; 14 às 18h

Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Senhor dos Passos, 248, 1º andar

Fone: (051) 316 3638

CEP 90020-180, Porto Alegre, RS

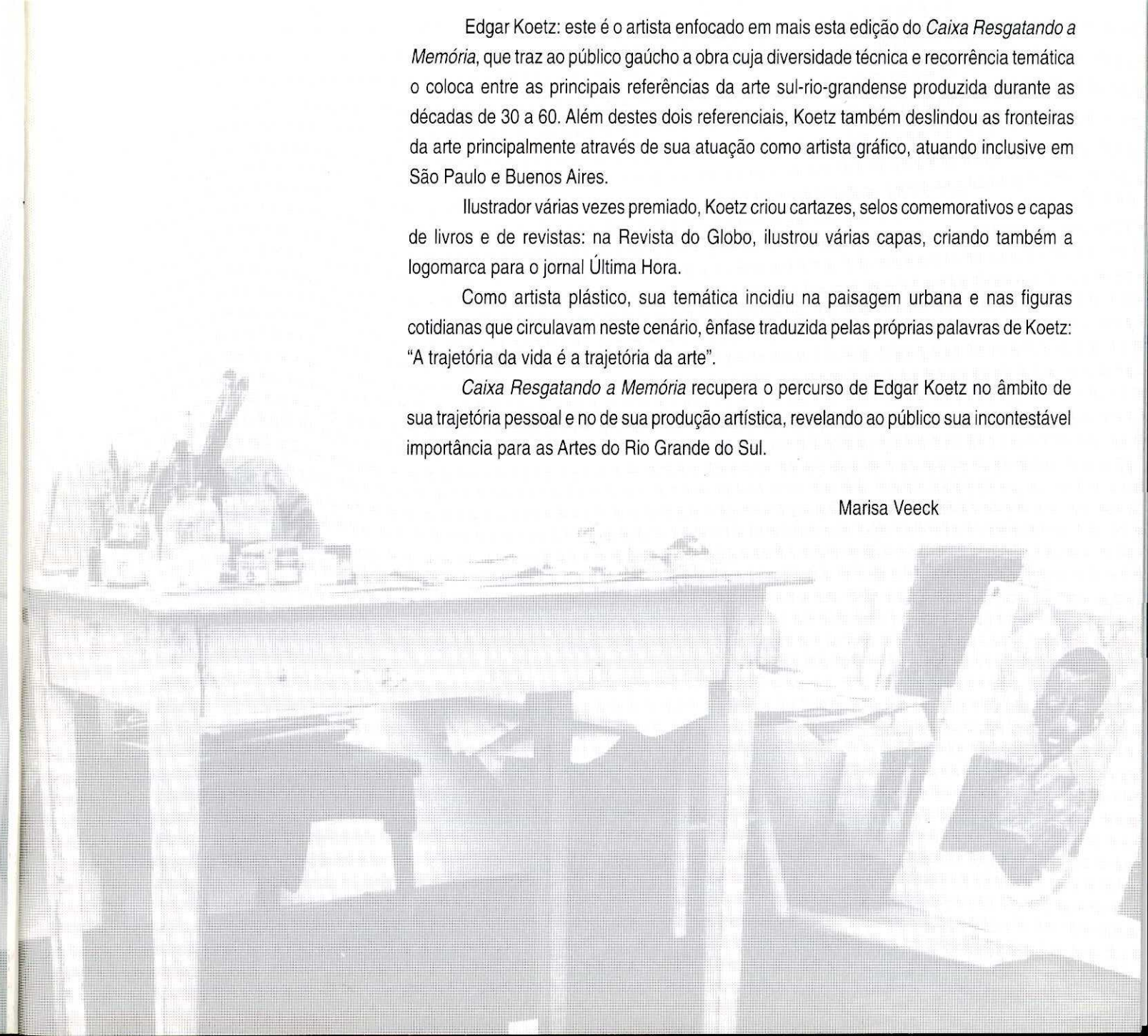
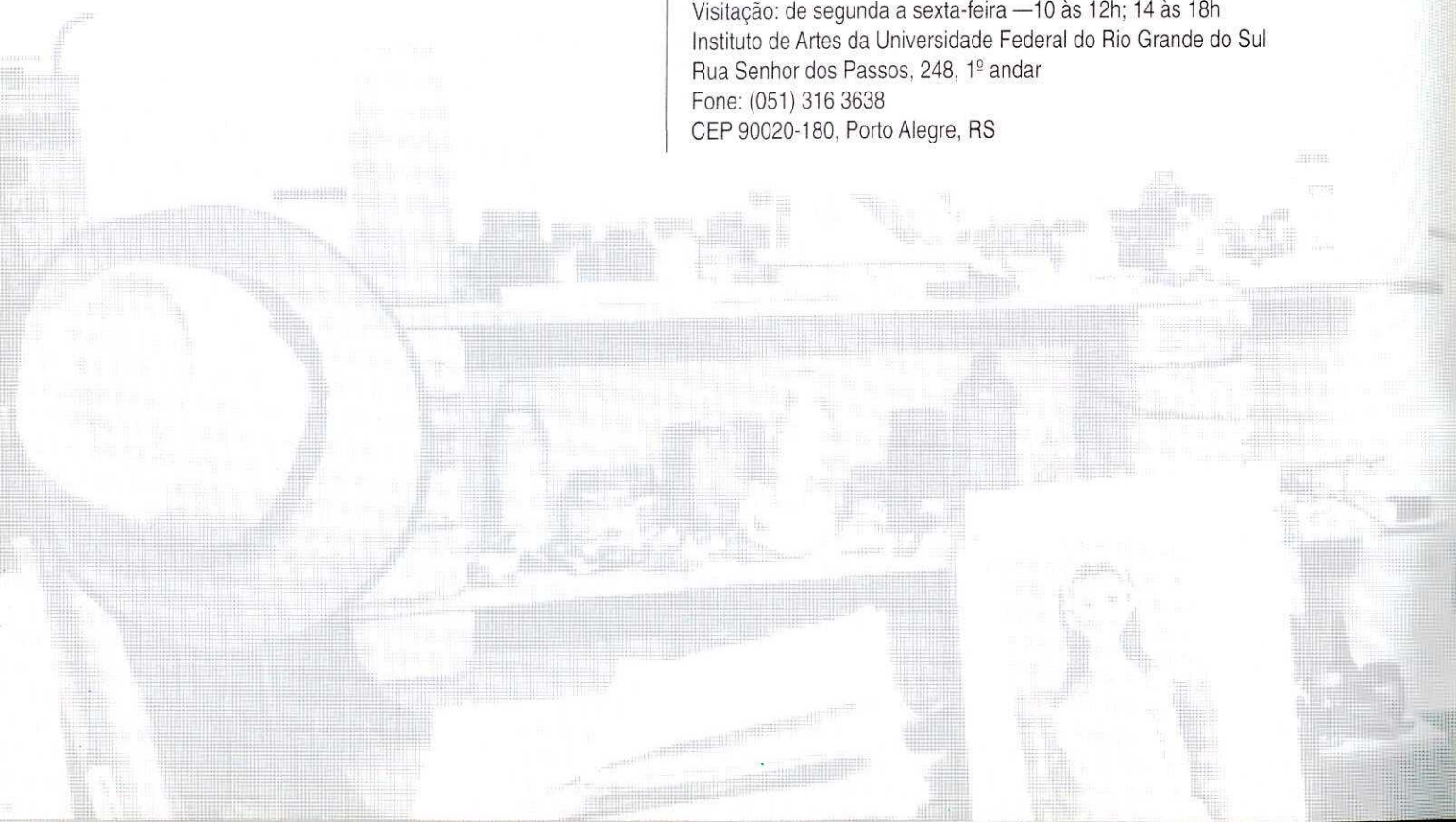
Edgar Koetz: este é o artista focado em mais esta edição do *Caixa Resgatando a Memória*, que traz ao público gaúcho a obra cuja diversidade técnica e recorrência temática o coloca entre as principais referências da arte sul-rio-grandense produzida durante as décadas de 30 a 60. Além destes dois referenciais, Koetz também deslindou as fronteiras da arte principalmente através de sua atuação como artista gráfico, atuando inclusive em São Paulo e Buenos Aires.

Ilustrador várias vezes premiado, Koetz criou cartazes, selos comemorativos e capas de livros e de revistas: na Revista do Globo, ilustrou várias capas, criando também a logomarca para o jornal Última Hora.

Como artista plástico, sua temática incidiu na paisagem urbana e nas figuras cotidianas que circulavam neste cenário, ênfase traduzida pelas próprias palavras de Koetz: "A trajetória da vida é a trajetória da arte".

*Caixa Resgatando a Memória* recupera o percurso de Edgar Koetz no âmbito de sua trajetória pessoal e no de sua produção artística, revelando ao público sua incontestável importância para as Artes do Rio Grande do Sul.

Marisa Veeck



# Edgar Koetz: o poeta urbano

Ana Albani de Carvalho

Edgar Koetz (1914/1969) foi agente e figura exemplar do peculiar processo rumo à modernidade experimentado pelo campo artístico no Rio Grande do Sul durante as décadas de 30 a 50. Presença e ausência, avanços e retrocessos, não se esquivar ao próprio sonho. Temos diante de nós, como peças de um jogo, resultados do olhar de Koetz sobre as cidades onde viveu e amou, figuras, mulheres, anjos e loucos. O artista disse, certa vez:

*“Não há possibilidade de meio termo, em matéria de arte. Ou o quadro merece parede, ou deve ir para o lixo. E a decisão cabe inicialmente ao artista, em sua solidão criadora. Os outros devem ser chamados a opinar somente depois que o criador já realizou sua opção”.*

Gentilmente — por hora ao menos — declinaremos da espinhosa tarefa, pensando que o estudo do passado recente esconde mais armadilhas que o do distante. Acostumados que somos ao ar frio do passado distante, ansiamos por totalizações positivas onde só encontraremos práticas singulares, ventos e tempestade. Dito — visto? — e feito: diante da obra de Edgar Koetz formulamos mais indagações que respostas: quanto à sua trajetória, seus procedimentos, seu processo de trabalho, a respeito de técnicas e temas recorrentes, trabalhando por tópicos, sem a pretensão de esgotar as abordagens propostas.

O objetivo geral do texto que segue — e a proposta desta curadoria — é lançar um olhar sobre a obra de Edgar Koetz, desenhista, gravador e pintor, profissional atuante entre os anos 40 e 60, no Brasil e na Argentina. O conjunto de sua produção — nas artes gráficas, no desenho, na gravura ou na pintura — ainda não foi objeto de estudo sistemático e específico, tendo ficado restrito a alguns textos críticos esparsos. Assim, os documentos utilizados para a elaboração deste trabalho reportam-se aos jornais de época<sup>1</sup>, catálogos de exposição, registros fragmentários de depoimentos do artista, contatos com seus familiares e, principalmente, à sua produção artística, localizada em acervos particulares e públicos.



**Paisagem**  
Óleo s/papel, 1965, 36 x 38cm.  
Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli,  
Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria  
Municipal da Cultura, Porto Alegre, RS.

Esta pintura retrata o cenário urbano porto-alegrense visto dos altos do Hotel São Luiz, na Av. Farrapos, onde atualmente se localizam a Estação Rodoviária e o Largo Edgar Koetz.

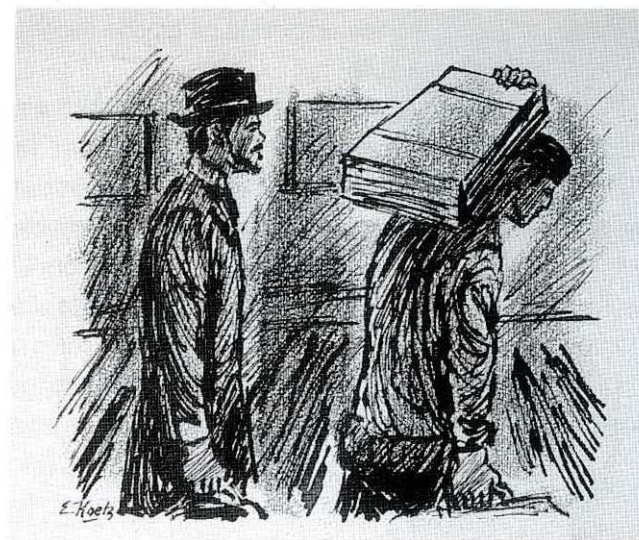
No período em que o jovem Koetz inicia sua atividade profissional — anos 20 e 30 — o campo artístico em Porto Alegre articulava-se em torno do Instituto de Belas Artes<sup>2</sup>, de salões de arte e de exposições esporádicas, não sendo possível falar em um mercado de artes<sup>3</sup> propriamente dito. Não possuíamos um museu de arte ou outra instituição que conferisse visibilidade à nossa história artística ou que permitisse o confronto com a produção de outros centros. Aparentemente mais do que hoje, o campo de trabalho para um artista plástico era restrito, os contatos sociais fundamentais e as possibilidades de sobrevivência financeira inconcebíveis para um jovem de origem proletária.

Ainda assim, considerando os depoimentos da época, podemos imaginar que o meio não poderia ser descrito como acanhado ou estéril. Angelo Guido<sup>4</sup> — artista, crítico e professor de história da arte — comentando sobre o ano de 1925 e o célebre Salão de Outono, oferece alguns elementos para a compreensão do período:

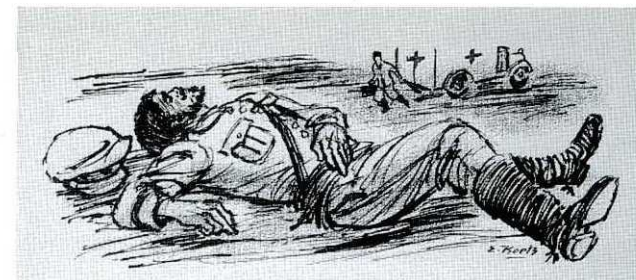
*Dir-se-ia que naquele tempo artistas e intelectuais se entendiam melhor. Viviam, pelo menos, em maior contato, reunindo-se freqüentemente, novos e velhos, nas exposições, na redação da "Máscara", a revista dos novos, ou no alto da Livraria do Globo, onde Mansueto Bernardi, então diretor daquela seção de livros, oferecia à nossa sede de cultura as novidades vindas de editoras estrangeiras e nacionais. Na própria redação da Máscara, num primeiro andar da rua dos Andradas, se instalara uma exposição de Gutmann Bicho, pintor carioca que, além de apresentar uma coleção de quadros à maneira divisionista, pusera-se a pintar retratos de artistas e intelectuais, colecionadores e boêmios, na mesma sala da exposição. Assim se criou o hábito de intelectuais e artistas se reunirem com freqüência nas salas das exposições (Guido, 1957: 182).*



Ilustrações para o jornal Última Hora do romance *Dr. Jivago*, de Boris Pasternak. Medidas variadas, dez. 1958. Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.



Boemia, olhos e coração abertos, atentos em percorrer uma cidade que havia passado por recentes transformações em seu traçado urbano através de obras como a abertura da avenida Borges de Medeiros e a construção do Viaduto Otávio Rocha, em 1924, e a avenida Júlio de Castilhos, em 1928, as quais alterariam significativamente sua configuração e, certamente, o imaginário de seus habitantes. As ruas estreitas, de pequenas casas — como até hoje encontramos na Cidade Baixa, bairro onde nasceu Edgar Koetz —, cediam lugar aos edifícios e às largas avenidas destinadas aos bondes e automóveis. Porto Alegre aspirava aos ares da modernidade.



No final dos anos 20, Koetz inicia sua carreira como ilustrador, a qual irá desenvolver paralelamente à dedicação às artes plásticas, até meados dos anos 60, quando se voltará definitivamente para a pintura. Em toda a sua trajetória, se manteve fiel ao desenvolvimento de seu processo pessoal de trabalho e às suas convicções estéticas, nunca aderindo a correntes artísticas por simples modismo ou na tentativa de “parecer moderno”.

Em 1944, por ocasião de uma exposição coletiva<sup>5</sup> — da qual participavam, além de Koetz, Carlos Alberto Petrucci, Honório Nardim, Nelson Boeira Faedrich, Osvaldo Goidanich e Vasco Prado — o artista afirma:

*“Pessoalmente, tenho a preocupação única de realizar aquilo de que sinto necessidade, transformando a matéria plástica. Creio que a inquietação é a raiz de toda a verdadeira arte. Se não a realizo, se não a atinjo, ao menos a ‘busco”* (Correio do Povo, 30/mai/1944,s/p.).

## O Caminho

*Quando uma guitarra trina  
nas mãos de um bom tocador  
A própria guitarra ensina  
a cantar seja quem for.*  
(fado popular, Portugal)

Koetz nasceu em Porto Alegre, no ano de 1914, filho primogênito de um encadernador de origem alemã, residente no bairro Cidade Baixa. Durante sua infância, enquanto a Europa mergulhava na carnificina da I Guerra Mundial, Koetz tomava gosto pelo desenho, talvez inspirado na habilidade do pai — artesão reconhecido em sua especialidade —, cujo trabalho permitia o acesso à obras que, do contrário, seriam raras em uma casa de família humilde.

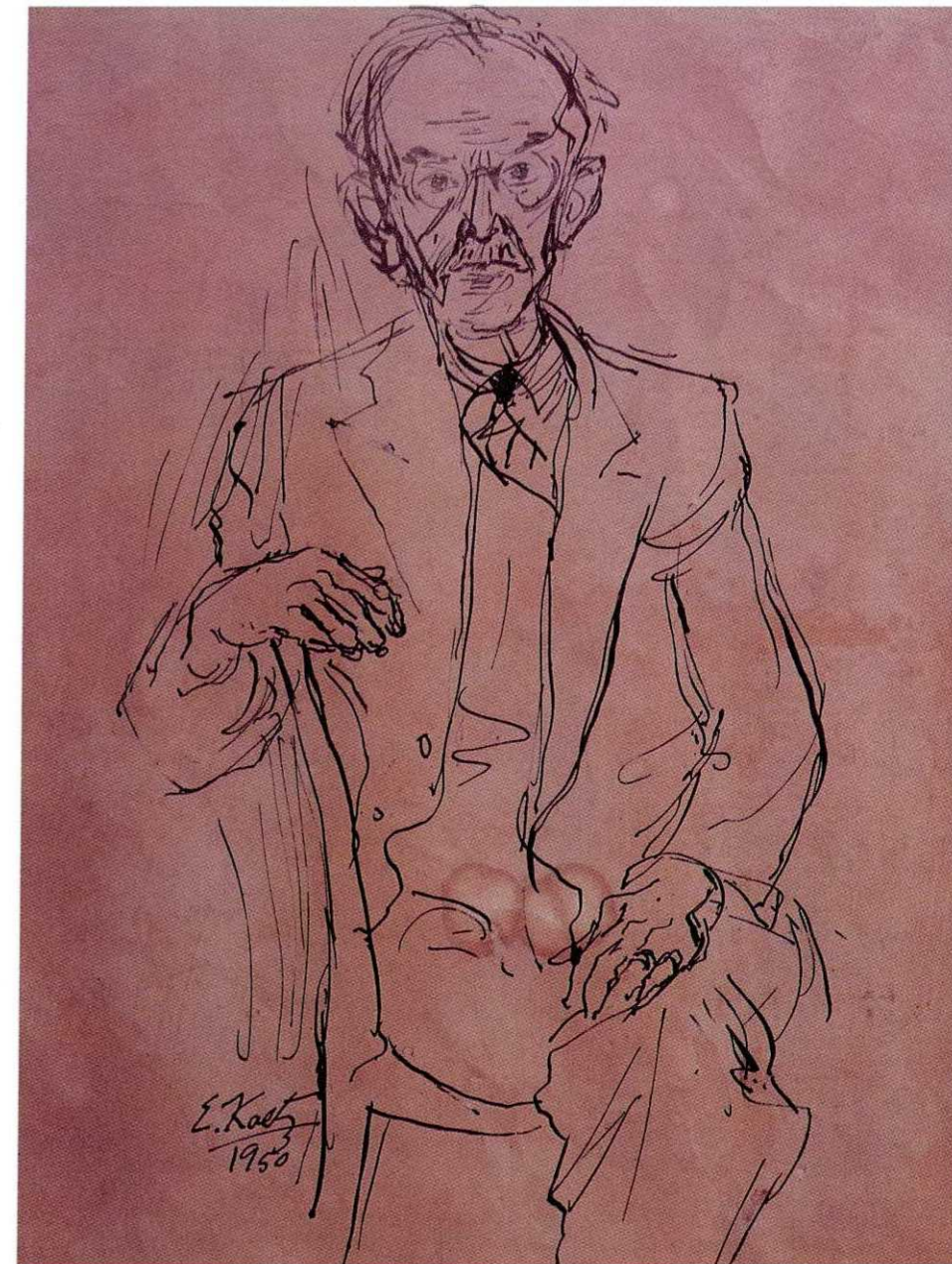
Em 1929, então com 15 anos, Edgar Koetz ingressa — levado por seu pai — na Editora Livraria do Globo, como aprendiz de litógrafo. Faz uma breve passagem pela Fotogravura Geysler, onde inicia seus estudos de desenho aplicado às artes gráficas, e retorna, agora como ilustrador, à Livraria do Globo, sob as ordens do artista gráfico Ernest Zeuner<sup>6</sup>. Ali, através da convivência com outros artistas como o próprio Zeuner, João Fahrion, Sotero Cosme, Vitório Gheno, Gastão Hofstetter e Edla Silva, ilustrando textos de Veríssimo, Quintana, entre outros, podemos considerar que encontrou sua “escola de arte”. Em depoimentos diversos, Koetz credita ao seu contato com o mestre Zeuner e sua experiência com a ilustração, o desenvolvimento de um necessário fundamento artesanal para seu trabalho artístico. Nestes termos, Koetz era definido como

“autodidata”<sup>7</sup>, característica recorrente na grande maioria dos artistas de sua geração.

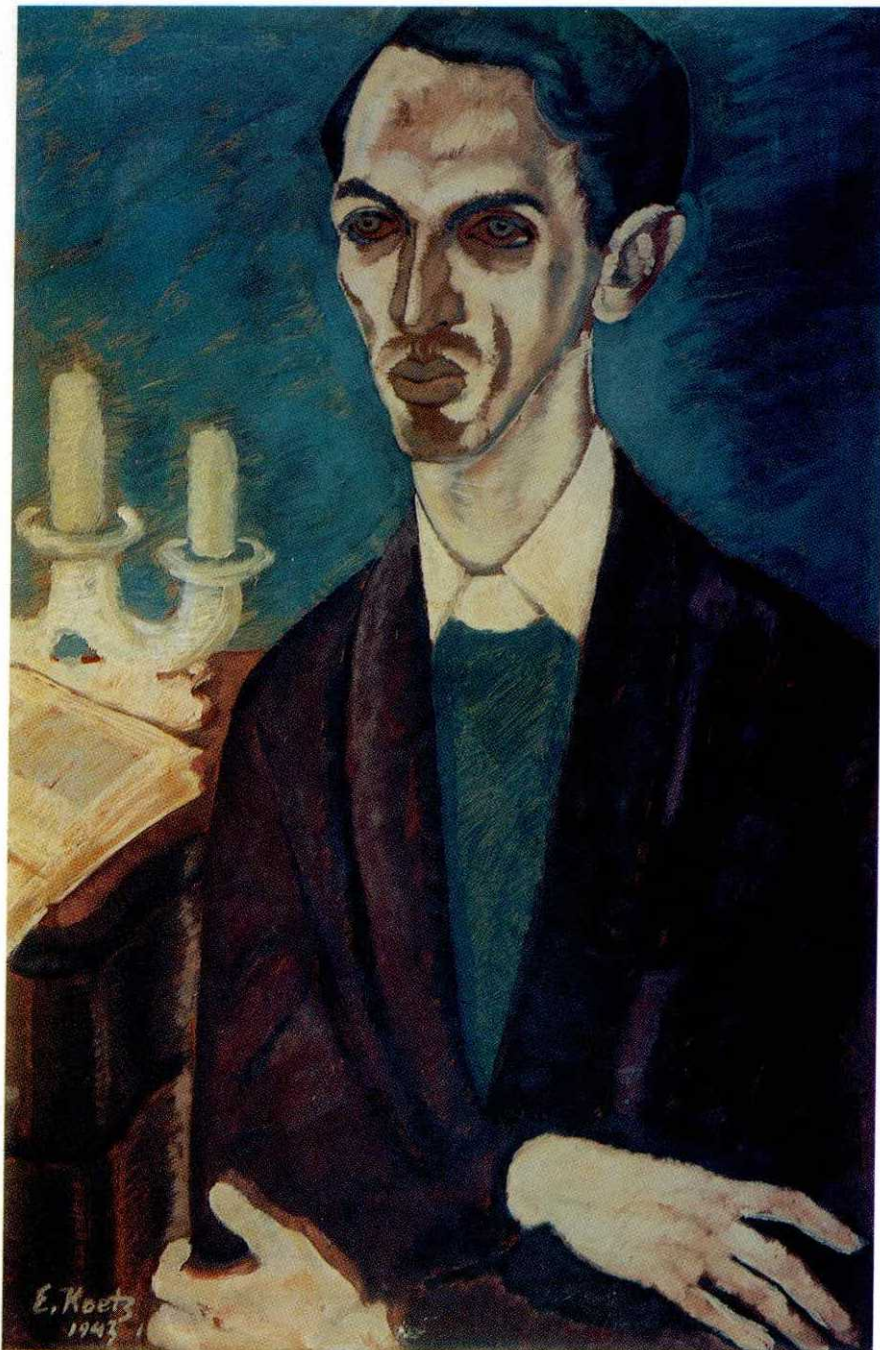
Considerando a dinâmica do campo artístico em Porto Alegre durante os anos 20 e 30, percebe-se que as artes gráficas se constituem não somente em possibilidade de profissionalização, mas também em fator de arejamento e abertura a novos padrões estéticos, para os artistas locais<sup>8</sup>. Nas ilustrações de revistas como Kodak (1912), Máscara (1918), Madrugada (1926), nas páginas de jornais como o Diário de Notícias (1925), vários desenhistas e gravadores permitiram-se liberdades que não ousariam diante de uma tela e um cavalete. As informações estéticas, o contato com a produção artística de outros centros — antiga ou contemporânea — também se davam através de revistas e publicações, tendo em conta que Porto Alegre não possuía espaços que viabilizassem o intercâmbio de obras de arte.

Uma breve revisão do material publicado naquelas revistas e jornais evidencia duas linhas básicas seguidas pelos ilustradores: uma, de filiação à corrente *art nouveau* e *art déco*, representada por Francisco Bellanca e Sotero Cosme; outra, de matriz expressiva, ligada a Fahrion, Hofstetter, Edla Silva e ao próprio Koetz.

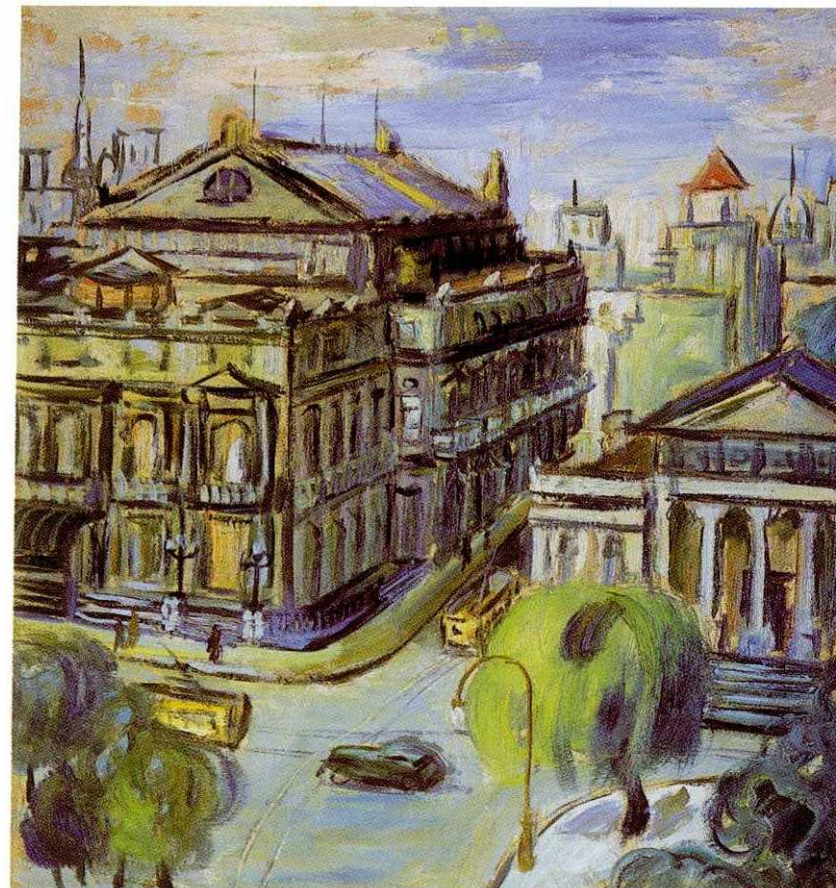
Em 1938, juntamente com Carlos Scliar, Carlos Alberto Petrucci, Vasco Prado, Gastão Hofstetter, Edla Silva, Honório Jardim, João Mottini, Osvaldo Goidanich, João Faria Viana e Mario Mônaco, Edgar Koetz participa da fundação da Associação Francisco Lisboa. Esse grupo — cujo núcleo central estava constituído em sua maioria por desenhistas vinculados à Editora do Globo — organiza-se em torno de uma proposta de articulação dos artistas que visava ampliar as possibilidades de legitimação e distinção de seus trabalhos. Nesse mesmo ano de 38, promovem seu primeiro Salão, o que gera uma polarização na disputa por hegemonia no campo artístico local, papel até então



*Retrato do pai, Carlos Alberto Koetz*  
Desenho a nanquim s/papel,  
1950, 40 x 30cm.  
Coleção Sergio Koetz, Porto Alegre, RS.



**Retrato de Paulo Moritz**  
Óleo s/madeira,  
1943, 74,5 x 48cm.  
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul  
Ado Malagoli, Porto Alegre, RS.



**Teatro Colon**  
Óleo s/eucatex, s/d, 47x41 cm.  
Coleção Jorge Karan,  
Porto Alegre, RS.

desempenhado pelo Instituto de Belas Artes. No ano seguinte, o Instituto organizará seu Salão de Artes, evento mantido até a década de 70, para benefício da movimentação artística local.

Em 45, Edgar Koetz troca Porto Alegre por Buenos Aires, na época o maior centro editorial da América Latina, onde trabalhou como ilustrador em editoras e jornais, sem

abandonar a pintura. Essa é a fase de uma série de paisagens tendo como tema a capital argentina. Nesse período possuía um atelier, localizado em frente ao escritório da editora de Monteiro Lobato. Koetz relatava que ambos chegavam mais cedo para ficarem em longas conversas na escadaria do prédio.

No início da década de 50, retornará a Porto Alegre,



*Lavadeiras das Malocas*  
Xilogravura, 1951, 18 x 25cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.



*Churrascaria Modelo*  
Linoleogravura, s/d, 20 x 27cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

participando da fundação do Clube de Gravura, ao lado de Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, Vasco Prado e outros. Exemplares de sua produção no período, como a xilogravura “Lavadeiras das Malocas”, atestam a preferência de Koetz pela temática urbana, em detrimento do enfoque rural assumido pelos artistas pertencentes ao núcleo fundador do Clube de Gravura.

Logo depois, Edgar Koetz parte para São Paulo, a convite de Samuel Wainer — diretor do jornal Última Hora — onde se dedicará novamente às artes gráficas. Nesse período participa da criação da Escola de Propaganda — que então ocupava um espaço no Museu de Arte de São Paulo —, ministrando o curso “Anatomia da Letra”. Em 1964, o fechamento do jornal Última Hora no contexto do

Golpe Militar, trazem Edgar Koetz de volta a Porto Alegre. Uma crise emocional o colocará em contato com os internos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Lá, o artista realizará 24 desenhos a nanquim, retratando os residentes do hospital com extrema simplicidade de traço e profunda captação psicológica. Neste mesmo ano, Koetz apresentará ao público este trabalho, intitulado a série com o significativo nome de “Alienados”<sup>9</sup>.

A partir de meados dos anos 60 Edgar Koetz devotará sua atenção à pintura. Ainda em 64 realiza a série “Poesia dos Bairros”, tendo como tema a cidade de Porto Alegre. Esta exposição, na época, foi objeto de muita atenção por parte da imprensa, não exatamente por seus atributos propriamente artísticos, mas pelo fato de que toda





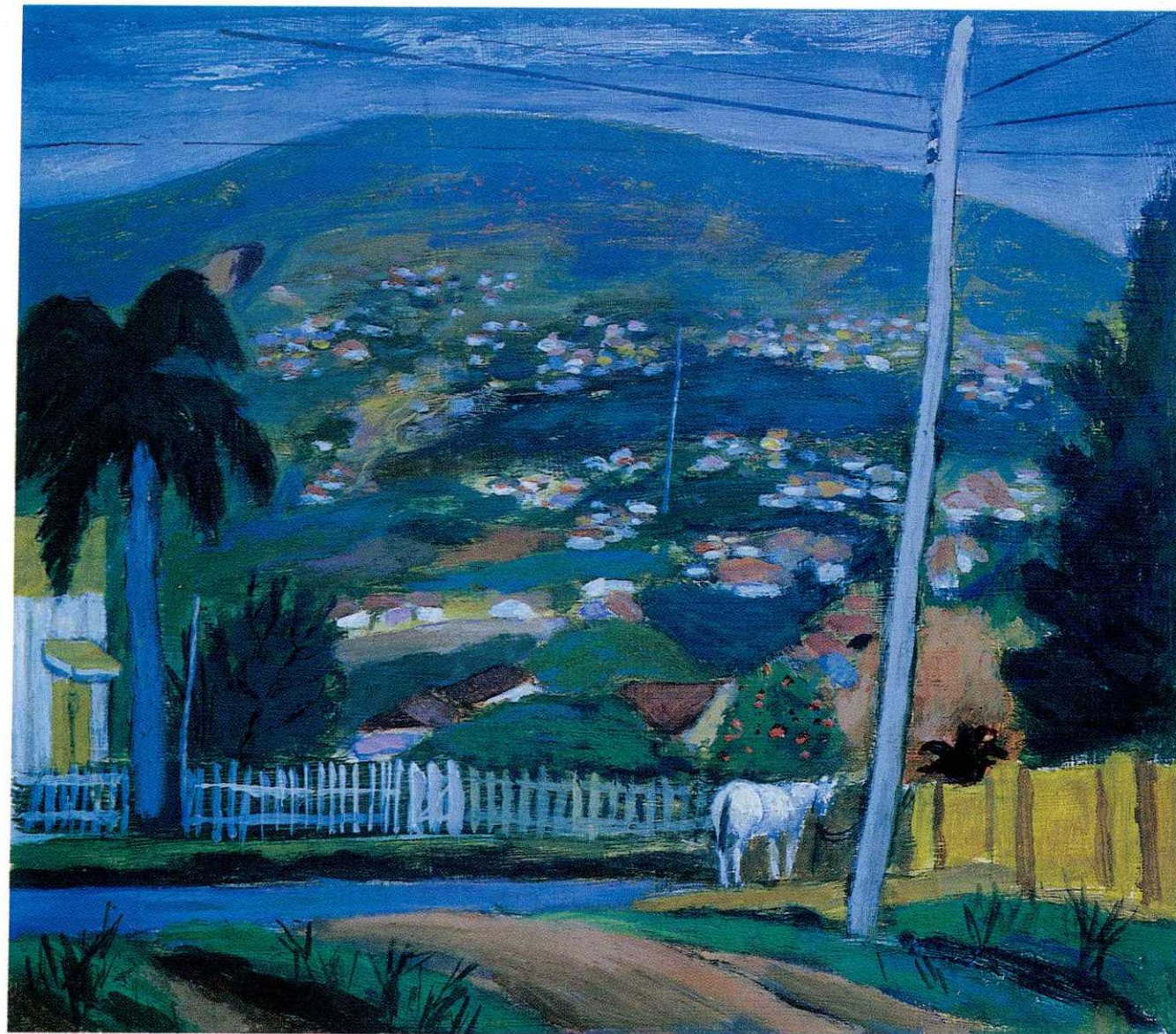
*Paisagem de Viamão*

Guache s/papel, 1966, 29 x 40cm.  
Coleção Sergio Koetz, Porto Alegre, RS.

a coleção — composta por 21 guaches — foi adquirida por um único colecionador, ainda antes da abertura da mostra.

Em 1966, inaugura sua primeira individual na cidade de São Paulo, onde residiu e trabalhou por quase catorze anos. Nesse mesmo ano viaja para a cidade mineira de Ouro Preto, onde encontrará farto material inspirador para suas obras. Nos últimos anos, dedica-se ao desenho e à pintura, tendo a figura feminina como tema.

Segue pintando até fevereiro de 1969, quando faleceu. Sua produção — em desenho e pintura — estimada em torno de uma centena de trabalhos, encontra-se atualmente em acervos públicos — Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Pinacoteca Aldo Locatelli, pertencente ao Município de Porto Alegre, Centro Cultural APLUB — e particulares.



sem título

Guache s/papel, s/d, 38 x 41cm.  
Coleção Sergio Koetz, Porto Alegre, RS.

## A Obra

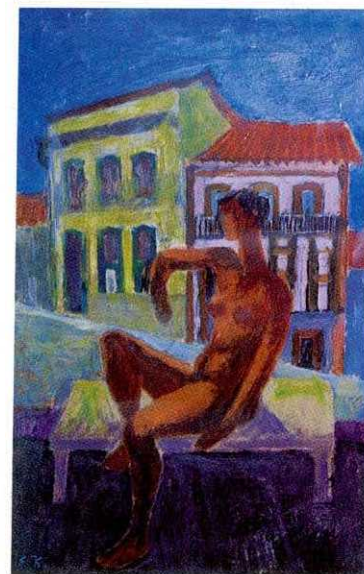
Considerando a amplitude do campo de atuação de Edgar Koetz — artista gráfico, ilustrador, desenhista, gravador e pintor —, a inexistência de estudos exaustivos sobre o mesmo e os limites do presente ensaio, optamos por abordar, de modo mais específico, sua produção em pintura. Tendo em conta que os temas, procedimentos e soluções formais enfatizados pelo artista nessa área são comuns ao conjunto de sua obra, nela concentramos nosso olhar, em detrimento de uma abordagem de cunho historiográfico.

Processos: a importância dos “estudos”

Se a escola de Koetz foi a experiência com as artes gráficas proporcionada pelo trabalho como ilustrador na Editora Livraria do Globo, poderíamos imaginar o currículo básico deste “curso”: 1. método e disciplina; 2. desenho e linha; 3. composição; 4. relação entre idéia (texto) e imagem gráfica, poder de síntese. Estes elementos encontram-se presentes na produção do artista em suas diversas fases.

O quarto item remete ao interesse pelo figurativo, defendido pelo artista durante uma entrevista concedida ao jornal *Correio do Povo*, em 1966:

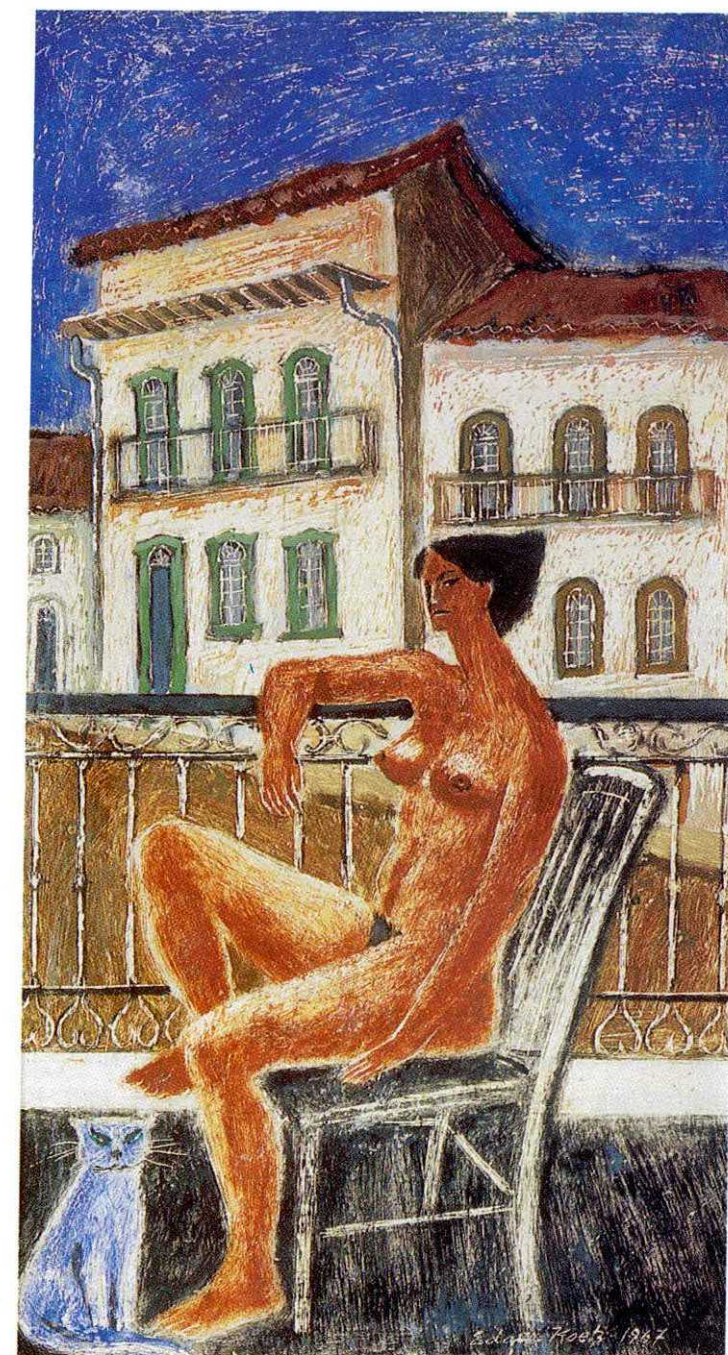
*Eu, no que me concerne, uso como expressão a pintura a partir do figurativo. Em outras palavras, não pretendo comunicar-me pela forma pura ou pela pesquisa de cores, pois não posso desligar-me do anedótico. Isso, no entanto, não quer representar que o que faça seja uma simples cópia da natureza, porquanto o figurativo para mim, serve como suporte para a minha expressão e, conseqüentemente, como princípio de diálogo* (*Correio do Povo*, 27nov1966, p.18).



*Nu na sacada, estudo nº 2*  
Acrílica s/papel, s/d, 50 x 30cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

*Nu na sacada, estudo nº 1*  
Guache, s/d, 44 x 26cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.  
(ao lado)

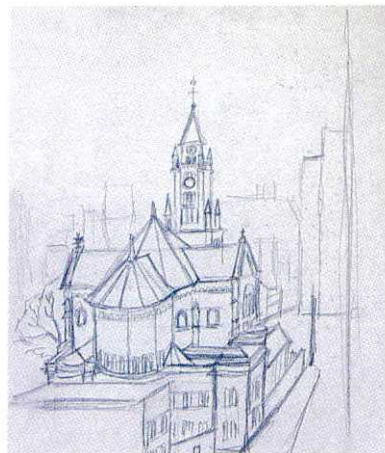
Koetz parece possuir um método de trabalho que envolve a realização de *estudos*, especialmente no caso da pintura. Não se trata de projetar a obra antecipadamente, nem de distanciar-se — racionalmente — de seu modelo, mas sim, de buscar um resultado considerado ideal pelo artista. Veja-se a série “Nu na sacada”: duas pinturas estão definidas pelo próprio artista como “estudos”, a terceira está assinada e datada em 1967, sem essa definição como título. A analogia formal e temática entre os trabalhos é evidente. Entre os três percebemos mudanças compositivas e cromáticas. No *Estudo nº 1*, a figura da mulher está mais à esquerda e a tela foi dividida ao meio, no sentido vertical, pela sacada, apenas insinuada por algumas linhas. A modelo está sentada em um banco, também indefinido — na verdade, apenas algumas manchas —, sendo que um



*Nu na sacada*  
Técnica mista, 1967, 41 x 22cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

pano serve de peso visual para equilibrar a composição no canto inferior direito. O casario ao fundo também não está definido, seja quanto às cores, seja quanto à localização. A cabeça da modelo regula em altura com o balcão do primeiro andar da casa de fundo, confundindo-se com este. O *Estudo nº 2* apresenta alterações em relação ao primeiro: a figura foi deslocada para a direita; a sacada, omitida para que o artista pudesse estudar melhor a relação entre os volumes de fundo e o primeiro plano. A figura ganha destaque em relação ao casario, sua cabeça sobressaindo-se em relação à altura do balcão de fundo. O banco em que se apóia ganha contorno e o casario tem suas cores alteradas.

A *pintura final* apresenta uma estrutura de composição bem mais rígida — ou afinada — que as anteriores: a tela, retangular, encontra-se dividida visualmente ao meio, tanto no sentido vertical — pela linha entre os dois sobrados no fundo — quanto no sentido horizontal, através da linha da sacada onde a modelo se apóia. Existe um ritmo sutil entre frontalidade e deslocamento, seja no casario de fundo — um frontal, outro levemente deslocado — seja na figura com a cadeira em contraponto à frontalidade da sacada e do gato. Este último elemento — o gato — com uma configuração planificada, introduz um acento diagonal, antes inexistente, o qual inicia na figura do gato, passa pelo joelho e o ventre da mulher, seu cabelo em coque, e finda na extremidade superior direita da tela. Faixas visuais horizontais — o piso em primeiro plano, a sacada, os balcões nos sobrados — jogam com a verticalidade acentuada do suporte. A figura da mulher é o único elemento orgânico a quebrar este jogo de verticais e horizontais, planos e linhas. A variação cromática presente nos estudos anteriores foi substituída pelo branco enriquecido, pelos marrons avermelhados e pelo azul.



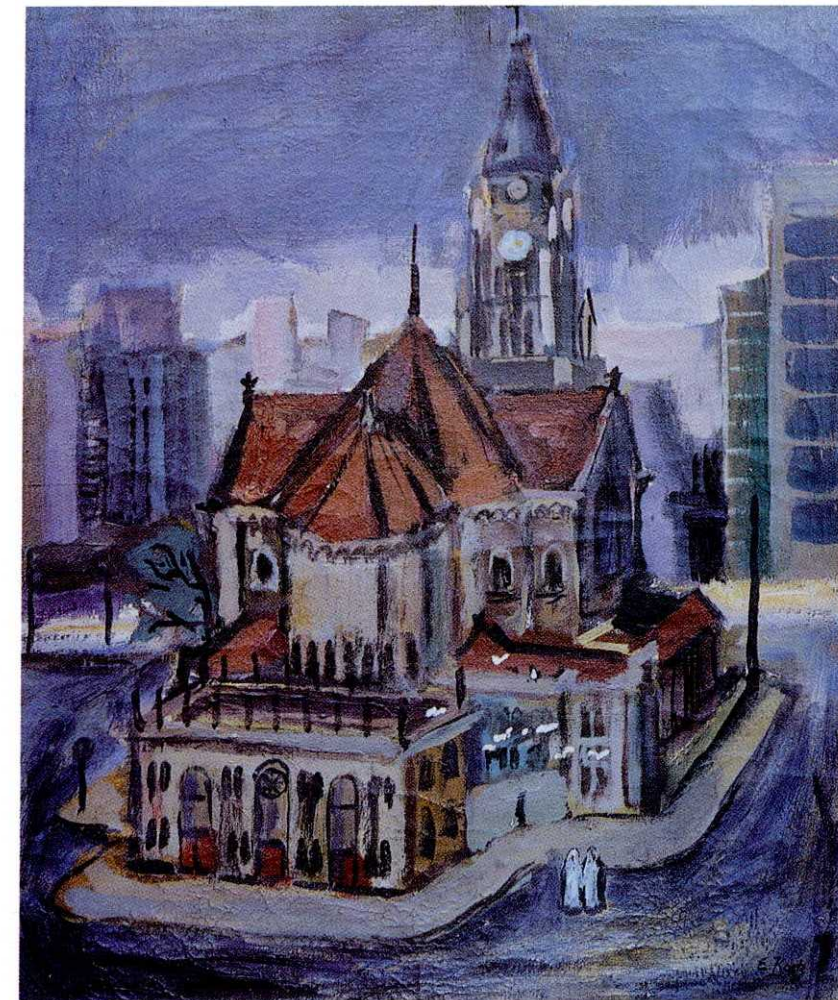
Estudo para *Igreja Santa Ifigênia*  
Lápis s/papel, s/d, 46 x 32cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

Processo semelhante pode ser observado na série de estudos tendo como tema a igreja de Santa Ifigênia realizados provavelmente entre 1951 e 1963, período em que o artista esteve radicado em São Paulo. Desenhos a grafite produzidos durante suas viagens à Bahia e a Minas Gerais — feirantes, figuras — foram posteriormente desenvolvidos a nanquim. Outras obras de Edgar Koetz parecem demonstrar que o artista persistia em desenvolver um mesmo assunto, modificando o seu ponto de observação. Como exemplo citamos as duas pinturas “Igreja de Ouro Preto” e “Ladeira de Ouro Preto” e, de modo menos evidente, a “Paisagem de Buenos Aires” que retrata uma cena de Buenos Aires, com árvores e casas com toldos e a obra conhecida como “Carroça de verduras”. Nesta última, a imagem parece representar uma ampliação do detalhe visto ao fundo da primeira, onde também percebemos uma carroça e um conjunto de casas com toldos.



Estudo para *Igreja Santa Ifigênia* (detalhe)  
Lápis de cera s/papel, s/d, 32 x 46cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

Estudo para *Igreja Santa Ifigênia*  
Lápis de cera s/papel, s/d, 32 x 25cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.



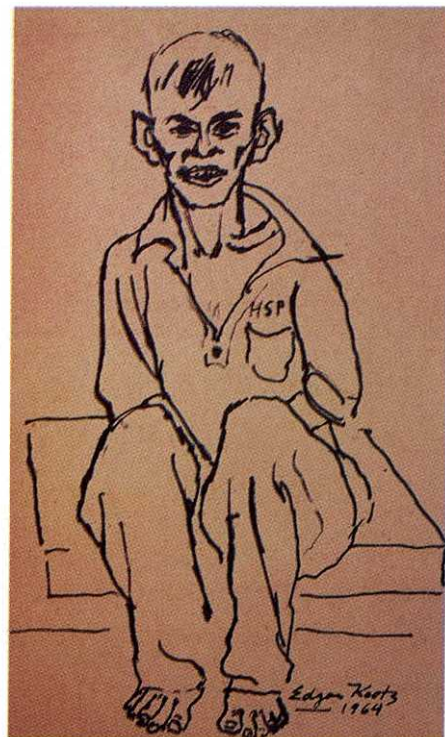
*Igreja Santa Ifigênia*  
Óleo s/tela, s/d, 54 x 44cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.



**Igreja de Ouro Preto**  
Guache s/cartão, 1966, 31 x 40cm.  
Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.



**Ladeira de Ouro Preto**  
Guache s/papel, 1966, 41 x 26cm.  
Coleção Sergio Koetz, Porto Alegre, RS.



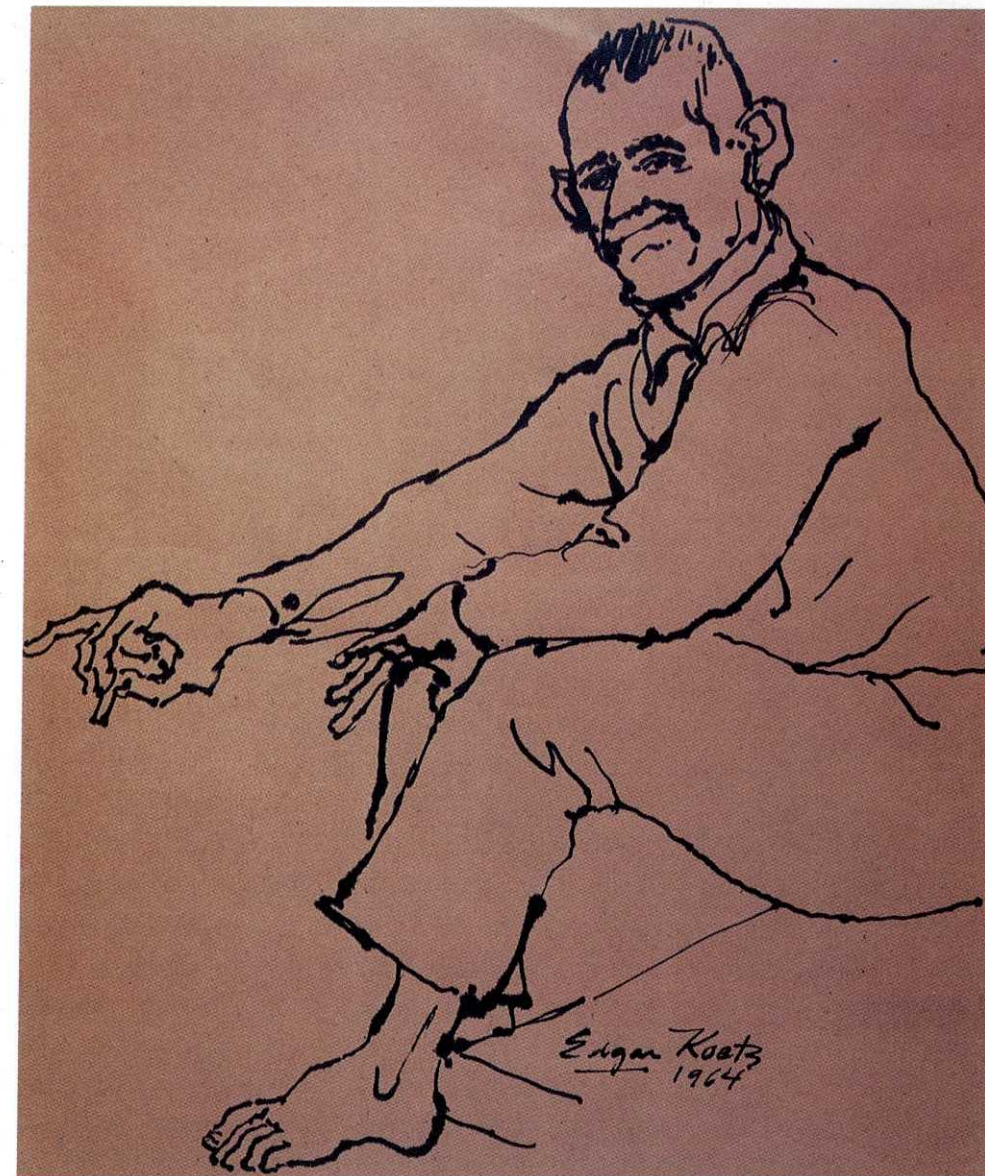
#### Os materiais e as cores

Edgar Koetz foi exímio desenhista, captando em pouquíssimos traços a energia vital de seus modelos, o que podemos perceber em obras como o retrato do pai — “Carlos Alberto Koetz”, desenho, 1950 —, em suas ilustrações, estudos, e nos inúmeros desenhos que fazia retratando seus filhos.

A série de desenhos realizados no Hospital Psiquiátrico São Pedro constitui um conjunto exemplar desta capacidade de captação. Sobre o mesmo tipo de papel, em dimensões semelhantes e com o mesmo material

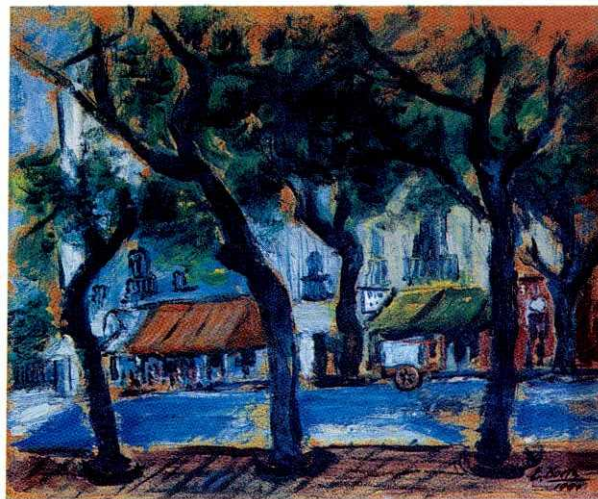
— nanquim —, Koetz retratou 24 internos daquele hospital. Em cada rosto, em cada corpo e gesto, através das poucas linhas traçadas, podemos imaginar a história individual de desintegração e abandono dos homens e mulheres, jovens ou velhos, representados por Koetz. Em seus desenhos, o artista não descreve, nem inventa: equilibra objetividade e subjetividade através da simplicidade básica do material empregado; explora o acaso onde a força da tinta interage com a porosidade do papel; domina, com economia de traços, a rapidez e a precisão exigidas pelo desenho a nanquim.

Desenhos da série *Alienados*  
Nanquim s/papel kraft, 1964.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.





**Buenos Aires**  
Óleo s/madeira, 1950, 38 x 43cm.  
Coleção Fernando Renner Torelly, Porto Alegre, RS.



**Paisagem de Buenos Aires**  
Óleo s/eucatex, 1950, 34 x 40cm.  
Acervo Centro Cultural APLUB, Porto Alegre, RS.

Na pintura, Edgar Koetz empregou óleo, acrílico e, especialmente, o guache. Este último era utilizado com uma mistura de cera de abelhas e solventes, que o tornava mais maleável, encorpado, retardando a secagem e possibilitando um número maior de superposições. Em muitas de suas pinturas podemos perceber a matriz estruturadora do desenho, através da ênfase em linhas pretas de contorno ou ranhuras e sulcos definindo texturas e limites entre os campos de cor. No que chamaremos de sua primeira fase — pinturas realizadas durante o início dos anos 40 — Koetz emprega tons escuros, sombrios. Com a ida para Buenos Aires, entre os anos de 45 a 50, sua pintura se adensa, enfatizando os tons de turquesa, os verdes contrabalançados pelo açafrão. Quando retorna ao Brasil e, depois à pintura, durante a década de 60, sua paleta ganha em luminosidade e vigor: verdes claros, azuis luminosos, vermelho acentuando pontos da composição.

#### Núcleos temáticos

Edgar Koetz interessou-se tanto pela paisagem quanto pela figura humana, tendo realizado algumas naturezas-mortas. Conforme afirmou em diversos depoimentos, sua obra partia sempre da realidade visível e de sua interpretação em termos de sensação e construção, de cor e forma.

Entre as *paisagens* realizadas durante os anos de 45 e 50, em Buenos Aires, percebemos obras onde a abordagem expressiva se sobressai, pela ênfase na cor e no gesto em detrimento da construção espacial e compositiva mais rígida. A cidade é vista através de cores densas, com predomínio do turquesa. As manchas — pinceladas rápidas, gesto aparente e rítmico, o inacabado — se alicerçam em linhas pretas que estruturam determinados pontos da composição. A movimentação da

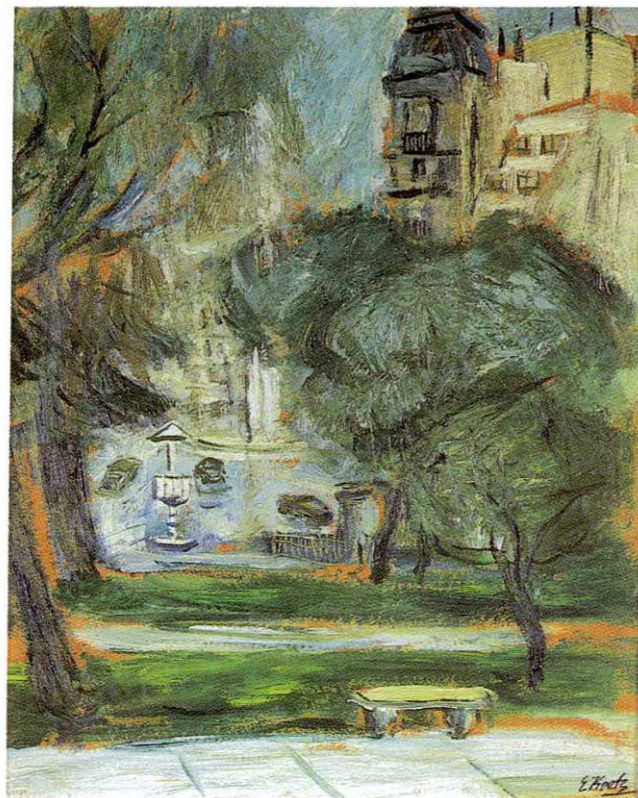


**Carroça de verduras**  
Óleo s/cartão, 1947, 25 x 35cm.  
Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.

capital portenha é como que vista de longe, espiada entre árvores e através de janelas altas. A noção de corte é sempre enfatizada, com ênfase nos elementos em primeiro plano. Algumas imagens, como a paisagem com casas e toldos ao fundo (p.24), parece ter um detalhe do fundo ampliado em “Carroça de verduras”.



**Avenida de Mayo à noite**  
Óleo s/cartão, 1947, 46 x 37cm.  
Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.



**Paisagem de Buenos Aires**  
Óleo s/eucatex, 1950, 44 x 35cm.  
Acervo Centro Cultural APLUB, Porto Alegre, RS.

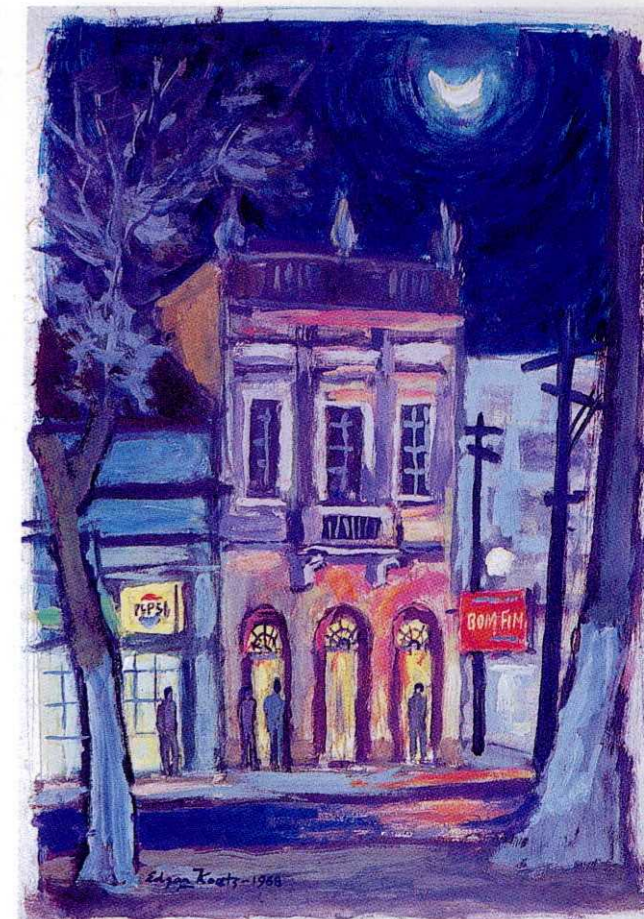
O óleo sobre cartão “Avenida de Mayo à noite” apresenta o local em que o artista vivia na cidade de Buenos Aires. Trata-se de uma pintura densa, onde predominam os tons de turquesa, verde azulado, contrapostos aos focos de luz amarelos. Luz e sombra se articulam em um jogo sutil, no canto inferior esquerdo da tela, através do poste de luz, na copa das árvores, estabelecendo uma diagonal com a janela de um dos quartos, no canto superior direito.

É uma cena noturna — um bar com mesas na calçada onde o movimento é apenas insinuado pela rapidez das pinceladas — e o hotel é visto como que de um prédio em frente, ocupando todo o espaço do quadro. Apesar dos jogos de luz e sombra contrapostos, toda a pintura tem a mesma intensidade cromática e a mesma carga de matéria pictórica, construindo uma sensação visual de bidimensionalidade e não de profundidade.

Em outras pinturas, como a cena do parque (p.26) e na paisagem com casas e toldos ao fundo (p.24), Koetz explora o recurso do ocultamento da paisagem de fundo pela ênfase nos elementos em primeiro plano. A paisagem de fundo é como que espiada através de densos conjuntos de árvores na cena com casas e toldos, o que desperta certa curiosidade no observador. Na cena do parque, este encobrimento do plano de fundo realça a figura do banco vazio e remete a uma sensação recorrente nas representações urbanas de Koetz: o vazio e o silêncio.

Retornando a Porto Alegre, a série realizada a partir de 64 — intitulada “Poesia dos Bairros” — retoma a temática da paisagem com uma paleta de cores igualmente vigorosa, agora com maior variedade de matizes. De modo geral, além da maior variedade cromática, Koetz parece preocupar-se mais com a clareza da construção espacial. Através de seu olhar, encontramos a rica variedade dos cenários de Porto Alegre: o parque da Redenção, com sua intensidade de cores e lembranças; o célebre antiquário “Ao Belchior”, no final da Rua da Praia; no Bom Fim, o Fedor (Café Bom Fim), bar que fez história durante os anos 60; e “A Fábrica”, provavelmente na zona norte. Se em Buenos Aires, Koetz parecia valorizar a noite, em Porto Alegre o pintor vive o dia. Em sua cidade natal, Edgar Koetz não espreita: a paisagem se oferece inteira, cada recanto com suas cores mais características e através do ângulo mais apropriado. Para o bar do Bom Fim, a noite enluarada, tons de azul e vermelho. Já em “A Fábrica”, verde e gris, vemos somente um fragmento, através das cercas em primeiro plano. As linhas pretas, tão ao gosto de Koetz, delimitam toda a composição.

Uma viagem para Ouro Preto, em Minas Gerais, resultou em outra série de pinturas, onde a cor e a luminosidade ocupam definitivamente seu espaço, como



**Café Bom Fim (Fedor)**  
Guache s/cartão, 1964, 52 x 32 cm.  
Coleção Particular, Porto Alegre, RS.



percebemos observando os dois guaches realizados em 1966, tendo como tema a “ladeira da Igreja”, os quais foram produzidos segundo dois pontos de observação distintos. Verde intenso, amarelos, brancos enriquecidos por nuances variadas, os planos de cor foram previamente definidos em função da estrutura espacial. O emprego da linha preta — referência ao desenho e à gravura, mas também à pintura dos artistas expressionistas — segue alinhando a composição.

Nesse período Edgar Koetz também realizou uma série de santos — pinturas com técnica mista e desenhos a nanquim — a partir de imagens barrocas populares, permitindo-se grande liberdade no emprego das cores e das relações de figura fundo. Veja-se, por exemplo, o “Anjo Amarelo”, obra na qual ocorre uma fusão entre figura e fundo através do emprego do dourado. Em “Madona”, a figura também se encontra em uma situação espacial indefinida. Estas soluções reforçam o entendimento de que o artista não estava interessado no aspecto religioso e sim na sua qualidade de *imagens*, ícones de uma cultura, ou melhor, de uma certa noção de identidade cultural.

Em depoimento publicado por ocasião da mostra desses trabalhos em Porto Alegre, na Galeria Pancetti, Edgar Koetz afirma:

*O barroco é convencional e perigoso para o trabalho que eu pretendia realizar. O que me interessava não era sua repetição, mas a interpretação. Para que repetir um estilo que já marcou época? As obras de Aleijadinho, também não quis eu buscar. Seu trabalho foi muito pessoal, como eu iria interpretar um estilo tão próprio? Eu procurava nos museus imagens de autores desconhecidos mas que me impressionassem por sua beleza (Diário de Notícias, 27 nov. 66, p.4)*



**Anjo Amarelo**

Acrílica s/madeira, 1966, 48 x 31cm.  
Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.

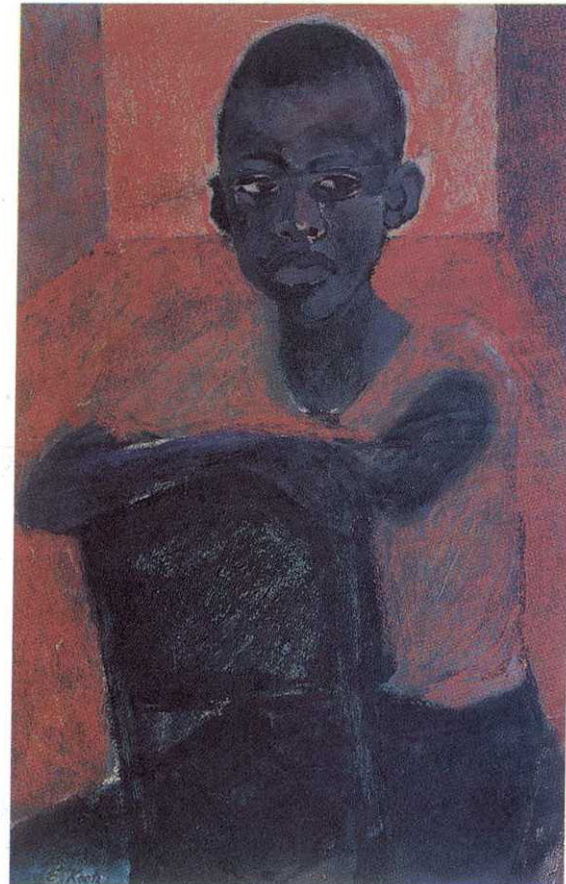
**A Fábrica**

Tempera s/cartão, 1967, 42 x 29cm.  
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli,  
Porto Alegre, RS.  
(ao lado)





A *figura humana* também foi explorada por Edgar Koez em vários trabalhos, sendo que em seus últimos desenhos dedicava-se ao nu feminino. Ressaltamos duas pinturas: uma delas, provavelmente realizada durante os anos 60, “Menino negro em fundo vermelho”, pelo inusitado emprego do vermelho, cor pouco usual na paleta deste artista, que afirmava ter dificuldades no emprego da mesma, preferindo os verdes e os azuis. Trata-se de um pequena pintura de forte impacto visual, onde figura e fundo

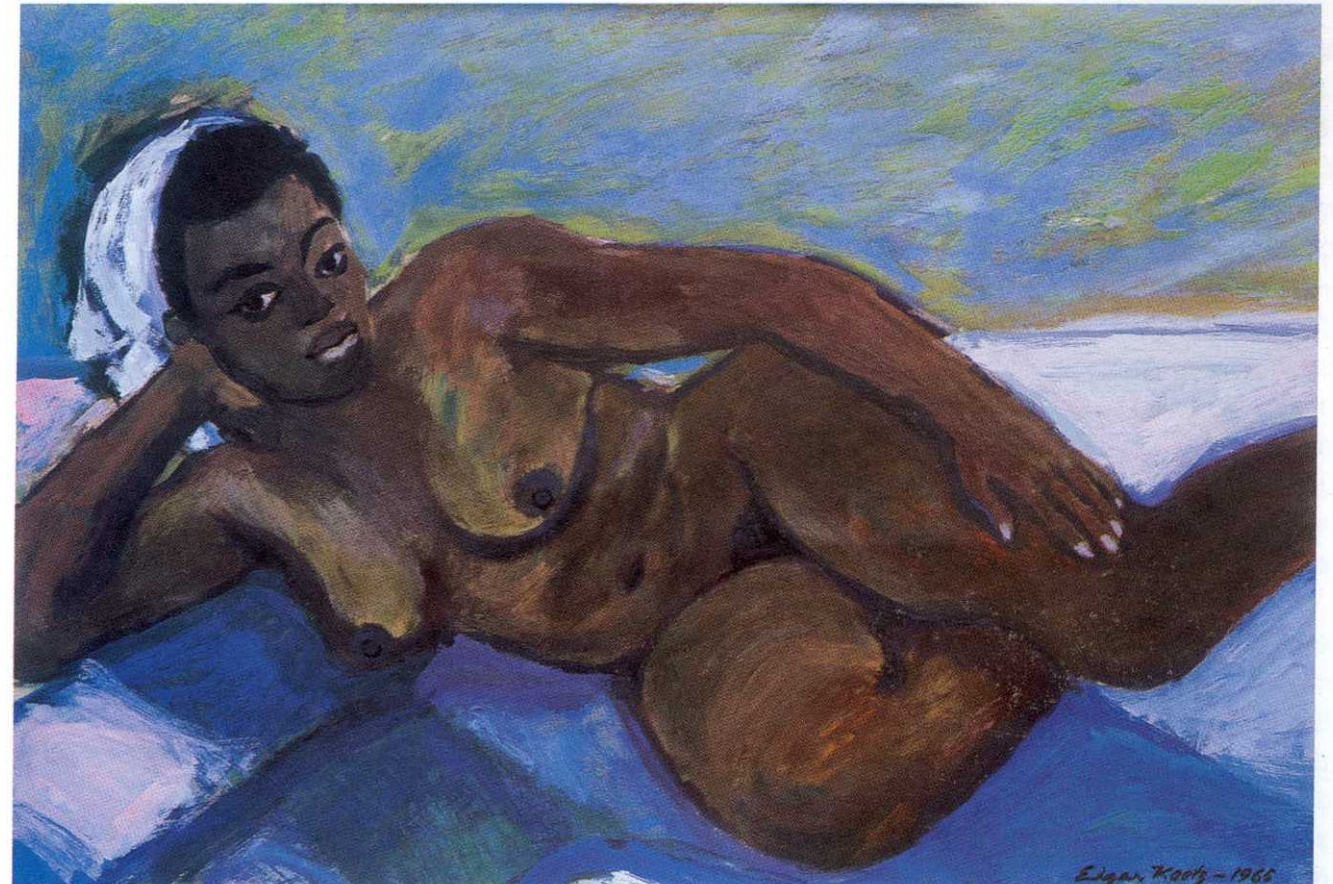


**Madona**

Técnica mista s/eucatex, 1966, 41 x 30cm.  
Coleção C. S. Koez, Porto Alegre, RS.

**Menino negro em fundo vermelho**

Técnica mista s/papel, s/d, 39 x 31cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.



**Nu**

Guache, 1965, 40 x 57cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

estabelecem um jogo de fusão e emersão, através da construção geométrica do fundo e da superposição das camadas de vermelho e preto, em planos de cor, sem enfatizar a linha. Na outra pintura, “Nu”, o emprego vigoroso das cores preferidas do pintor — verdes e azuis — não esmaece a imponência do modelo e se contrapõe aos lânguidos modelos femininos produzidos pelo artista no final dos anos 60.



**Malocas**  
Guache s/papel, 1965, 32 x 40cm.  
Coleção particular, Porto Alegre, RS.

### Por fim

Durante a década de 60, Koetz pôde beneficiar-se do processo de profissionalização e especialização do campo artístico local, quando um número significativo de galerias iniciaram atividade e os periódicos destinavam espaço para a divulgação da produção artística contemporânea. No final desse período jovens artistas

iniciam uma produção alicerçada nas noções de experimentalismo e desmaterialização, introduzindo os conceitos de objeto, intervenção e participação do espectador no vocabulário corrente da arte produzida em Porto Alegre. A obra de Koetz, porém, segue seu próprio ritmo, mantém seu curso natural:

*Não sou de fazer novidade. Não entro em competições, não tenho a veleidade de ser original, nem de ser pintor de vanguarda. Sou fiel a mim mesmo sem pensar se estou na vanguarda ou na retaguarda* (Koetz, Diário de Notícias, Porto Alegre, 27 nov. 66, p.4).

*Pinto há muito tempo, comecei como todo mundo, estudando, pesquisando, lutando. E a minha maneira de comunicar sempre foi o figurativismo, embora com um toque muito pessoal. Arte, para mim, é dizer aquilo que sinto, como que para acalmar uma inquietação* (Koetz, Folha da Tarde, Porto Alegre, 16 set. 1968, p.68).

À guisa de conclusão, selecionamos os depoimentos acima por entendermos que os mesmos apresentam elementos significativos para a compreensão do pensamento de Edgar Koetz sobre a arte e, de modo mais específico, sobre o desenvolvimento de seu próprio trabalho.

Em primeiro lugar, em plena década de 60 — quando a abstração se transforma na pedra de toque do mercado de artes e a desmaterialização, no caminho escolhido pela nata dos artistas de vanguarda — Koetz afirma sua opção pela *figura*. Comodismo ou coerência? A opção de um artista por determinado tema ou técnica é resultado, somatória, mesmo que nem sempre em equilíbrio, de componentes conscientes e inconscientes. Revela, antes de tudo, um modo de entender a arte e sua função no mundo, tanto em termos gerais quanto no âmbito de seu próprio trabalho. Assim, no contexto da atuação desse artista — como artista gráfico, ilustrador, professor, desenhista, gravador, pintor — a permanência da figura remete à coerência de sua trajetória, iniciada nos anos 30, em um particular momento de afirmação da arte modernista — figurativa, com acento expressionista — no âmbito da cultura brasileira. Diga-se:

tal opção pela figura é partilhada, de modo mais ou menos evidente, por outros artistas dessa geração, como por exemplo Carlos Scliar, Vasco Prado e Danúbio Gonçalves.

Outra questão a ressaltar, diretamente vinculada à anterior, diz respeito ao acento expressionista presente em grande parte de sua obra, o qual se revela no emprego incisivo da linha, na deformação — embora cautelosa — da figura em favor da cor, do gesto e, na pintura, da pincelada evidente. Além destes elementos formais, Koetz entende a arte como um movimento do “interior para o exterior”, destacando em seu discurso a importância e a necessidade de uma relação “concreta com a sociedade e, portanto, da *comunicação*”, aspectos apontados por Argan em seu estudo sobre o movimento expressionista (1996:227).

A opção de Edgar Koetz não se deu, porém, pela via da comunicação direta. Fazendo uma analogia com o terreno da literatura — que ele tão bem ilustrou —, não diríamos que sua obra é constituída por crônicas ou mesmo por contos ou romances. Koetz fez poesia: explorou a síntese, estudou/escolheu com esmero cada “palavra”, a cor certa, o risco apropriado. Captou, como poucos, o espírito — ousarei empregar esta palavra — das cidades onde viveu. De tudo o que foi dito até aqui, selecionamos uma imagem exemplar: a pintura que retrata o parque da Redenção, a roda-gigante com a igreja ao fundo (capa). Para quem conhece Porto Alegre — para quem nasceu e foi criança em Porto Alegre — e para quem nunca a viu.

Porto Alegre, outubro de 1998.

**Ana Albani de Carvalho** (Porto Alegre, RS, 1961). Bacharel em Artes Plásticas, Mestre em Artes Visuais/História, Teoria e Crítica de Artes pela UFRGS. Professora no curso de Graduação em Artes Visuais — Instituto de Artes/UFRGS e Coordenadora da Galeria — Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, da UFRGS.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, G. C. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ASSUMPÇÃO, Clóvis. O Prêmio maior do V Salão. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 mai. 1953.
- EDGAR KOETZ: Galeria de Arte Clube do Comércio (catálogo de exposição), Porto Alegre, 1983.
- CARVALHO, Ana Albani de. *Nervo Óptico e Espaço N.O.: a diversidade no campo artístico porto-alegrense durante os anos 70*. Porto Alegre, 1994. *Dissertação* (Mestrado em Artes Visuais), Instituto de Artes, UFRGS.
- Um Gaúcho que o Brasil precisa conhecer. *Casa Cláudia*, nº 127. São Paulo, ago. 1965.
- GASTAL, Susana. *Imagens e Identidade visual: a sistematização formal e temática da pintura em Porto Alegre. 1891-1930*. Porto Alegre, 1994. *Dissertação* (Mestrado em Artes Visuais), Instituto de Artes, UFRGS.
- GUIDO, Angelo. "Trinta Anos de Pintura (1925-1955)". *Enciclopédia rio-grandense: O Rio Grande atual*. Canoas: Editora Regional, 1957, vol.3.
- PIETA, Marilene. *Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1995.
- SCARINCI, Carlos. *A Gravura no RGS: 1900 - 1980*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Precursos das Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. (álbum). Porto Alegre, Riocell/MPM.

<sup>1</sup> Jornais organizados pelo próprio artista e também pertencentes ao acervo do núcleo de documentação do MARGS.

<sup>2</sup> Atual Instituto de Artes da UFRGS, cujo curso de artes plásticas teve início em 1910. Até 1936, foi dirigido pelo pintor Libindo Ferrás, seguindo uma proposta esteticamente conservadora.

<sup>3</sup> A Galeria da Casa das Molduras é inaugurada em 1941; a "Stúdio Os 2", em 1945; em 1947, a Galeria Auditório Correio do Povo. Segundo Scarinci (1982:109), esta última teria sido responsável pela "sustentação do movimento de artes em Porto Alegre", divulgando tantos os jovens artistas quanto os nomes consagrados, oportunizando intercâmbios com artistas do centro do país e do Uruguai. O Museu de Arte do RGS será inaugurado "sem sede" em 1954, passando a atuar no foyer do Theatro São Pedro em 1957. As galerias independentes e com estrutura profissional começam a ganhar espaço em Porto Alegre durante a década de 60.

<sup>4</sup> Angelo Guido (Cremona, Itália, 1893 — Pelotas, RS, 1969), pintor, chega ao Estado em 1925, estabelecendo-se na capital em 1928. Inicia, efetivamente, a disciplina de História da Arte no Instituto de Belas Arte, em 1936, tendo dirigido este estabelecimento entre os anos de 1959 e 1963. Firma-se como crítico de arte atuante a partir de 1938, sendo responsável pela página de artes plásticas no jornal Diário de Notícias.

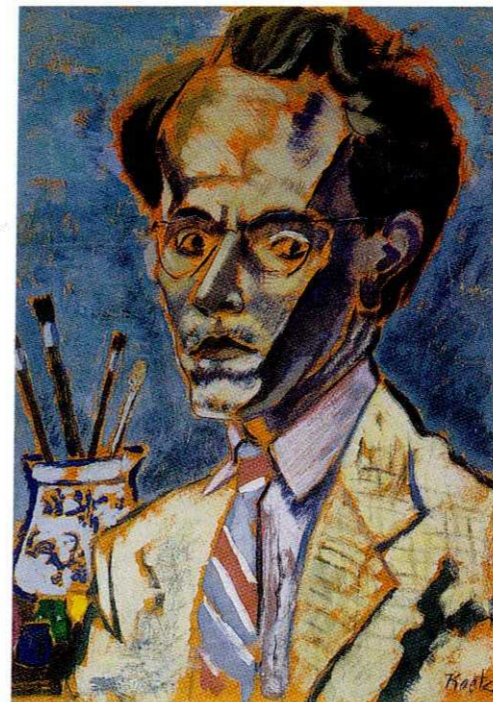
<sup>5</sup> "Exposição Coletiva de Seis Artistas da Nova Geração", patrocinada pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, inaugurada com discurso de Manoelito de Ornellas.

<sup>6</sup> Ernest Zeuner (Leipzig, Alemanha, 1895 — Porto Alegre, RS, 1967) estudou na Academia de Artes Gráficas de Leipzig, vindo para o Brasil após a I Guerra. Em 1922, ingressa na Livraria do Globo, em Porto Alegre, com a incumbência de formar um corpo de desenhistas que trabalhariam sob sua direção. Definido por Angelo Guido (1957: 206) como um "conhecedor profundo de sua profissão, desenhista hábil e homem de sensibilidade", o "velho Zeuner" — como era chamado — orientou quanto à técnica da gravura diversos jovens ilustradores que ali trabalharam.

<sup>7</sup> Scarinci (1982: 59) registra sua passagem pelo curso de gravura ministrado por Julio Schmischke, artista alemão que estudara em Munique e Königsberg. Depoimentos em jornais fazem referência a cursos esporádicos de desenho. Durante os anos 40, Edgar Koetz dividiu atelier com outros artistas de sua geração, como Iberê Camargo.

<sup>8</sup> Tema para o qual remetemos aos estudos realizados por Carlos Scarinci (1982), Susana Gastal (1994) e Marilene Pieta (1995), referenciados na bibliografia deste artigo.

<sup>9</sup> Edgar Koetz permaneceu 30 dias como residente na divisão de pensionistas do Hospital Psiquiátrico São Pedro, tendo realizado 24 desenhos retratando internos do sanatório, 13 dos quais ainda permanecem na coleção da família. Em 1964, o artista expôs esse trabalho na Galeria Cândido Portinari, localizada na Galeria Malcon, em Porto Alegre.



**Auto retrato**

Guache s/papel, s/d, 45 x 32cm.

Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.

#### EDGAR KOETZ (Porto Alegre, 1914/1969)

- 1929 - Ingressa na Editora Livraria do Globo como ilustrador, Porto Alegre, RS.
- 1938/40 - Participa da fundação da Associação Francisco Lisboa, Porto Alegre, RS.
- 1939 - Prêmio Concurso de Cartazes Patrióticos, promovido pelo Departamento Nacional de Propaganda, Rio de Janeiro, RJ.
- 1940 - Participa do II Salão Associação Francisco Lisboa, Porto Alegre, RS.
- Prêmios no concurso de Cartazes para o Bicentenário de Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre, RS (2º e 3º lugares).
  - Responsável pelo Setor Técnico de desenhos na Empresa Publicidade Caxiense, Caxias do Sul, RS.
- 1943 - Menção Honrosa no Salão do Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS.
- 1944 - Coletiva de Seis Artistas da Nova Geração, reunindo Petrucci,

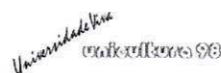
Vasco Prado, Nelson Boeira Faedrich, Osvaldo Goidanich, Honório Jardim e Edgar Koetz, Porto Alegre, RS.

- 1945 - Coletiva, Sociedade Sul-riograndense, com Honório Jardim e Osvaldo Goidanich, São Paulo, SP.
- 1945 a 1950 - Vive em Buenos Aires, onde atua como pintor e artista gráfico, ilustrando para editoras e jornais. Recebe o Grande Prêmio da Câmara Argentina do Livro por seu trabalho como artista gráfico: ilustrador, capista, letrista e cartazista. Realiza uma exposição individual em Buenos Aires, Argentina.
- 1950 - Individual, Auditório do Correio do Povo, Porto Alegre, RS.
- 1951 - Participa da fundação do Clube de Gravura, Porto Alegre, RS.
- 1952 a 1963 - Reside em São Paulo, dedicando-se às artes gráficas; trabalha no jornal Última Hora, como ilustrador de reportagens, crônicas, contos, sendo responsável pela criação da logomarca do jornal, São Paulo, SP.
- 1953 - IV Salão Associação Francisco Lisboa: Medalha de Ouro pelo conjunto da obra (pintura, desenho, gravura e artes gráficas), Porto Alegre, RS.
- 1954 - Coordenador Gráfico da Comissão Estadual de Literatura do Governo Estadual de São Paulo, São Paulo, SP.
- Prêmio no Concurso de Selos postais, comemorativo ao IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP.
  - Ministra curso "Anatomia da Letra", na Escola de Propaganda, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, SP.
- 1957 - Individual, "Séries Campeiras" desenhos de gaúchos e outros trabalhos, Livraria Francisco Alves, São Paulo, SP.
- 1964 - Individual "A Poesia dos Bairros" Espaço Galeria, Porto Alegre, RS.
- 1965 - Individual, Galeria Sete Povos (inauguração da Galeria Sete Povos), Porto Alegre, RS.
- Individual, Desenhos, Livraria Lima, Porto Alegre, RS.
  - Destaque como "Personalidade do Ano nas Artes Plásticas do Rio Grande do Sul", Porto Alegre, RS.
- 1966 - Individual, Galeria Atrium, São Paulo, SP.
- Individual (temática de Ouro Preto), Galeria Pancetti, Porto Alegre, RS.
- 1967 - Individual, "Pinturas e Desenhos de Edgar Koetz", Galeria Pancetti, Porto Alegre, RS.
- 1968 - Individual, Galeria Goeldi, Rio de Janeiro, RJ.
- Individual, "Pinturas e desenhos de Edgar Koetz", Galeria Aliança Francesa, Porto Alegre, RS.
- 1974 - Coletiva (póstuma) "Cinco Artistas Teuto-brasileiros", em homenagem ao Biênio da colonização e imigração - Sesquicentenário da Imigração Alemã, reunindo Ernest Zeuner, João Fahrion, Joseph Lutzenberger, Pedro Weingärtner e Edgar Koetz, MARGS, Porto Alegre, RS.
- 1983 - Retrospectiva póstuma de Edgar Koetz, Galeria de Arte Clube do Comércio (organização de Renato Rosa), Porto Alegre, RS.

Realização

**CAIXA**  
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Apoio cultural



Agradecemos às instituições e aos colecionadores pelo empréstimo das obras.

Caixa Econômica Federal  
Supervisão de Marketing Cultural/RS  
Realização

Marisa Veeck  
Projeto e curadoria geral

Ana Albani de Carvalho  
Curadoria artística e texto

F. Zago/Studio Z  
Fotografia

Mário Röhnelt  
Design gráfico

Ester Mambrini  
Consultoria e revisão de textos

Paulo Gomes  
Design da exposição

Capa: **Parquinho da Redenção**  
Acrílico s/papel, 1965 e 1968, 50 x 40cm.  
Coleção C. S. Koetz, Porto Alegre, RS.

As reproduções de obras constantes do catálogo e do folder/convite que acompanham o evento foram gentilmente cedidas por Studio Z.

Newpoint Fotolitos e Gráfica  
Fotolitos e impressão

Tiragem: 2000 exemplares

**CAIXA**  
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL